

3
CALLIOPE
SACRA, 6269

QUE EM DOZE SONETOS

A' Real Fundação do Convento de Mafra consagra re-
verente á Magestade Augusta, e Fidelissima

DELREY

D. JOSEPH I.

NOSSO SENHOR

MANOEL PEREIRA DA COSTA.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impressor do Emin. Senhor Card. Patriarca.

M. DCC. LIII.

Com todas as licenças necessarias.

CALLIOPE

SACRA

QUE EM DOZE SONHOS

A Real Fundação do Convento de Nossa Senhora do Carmo, e Fideiússima
venente a Magestade Augusta, e Fidelíssima

DE LREY

D. JOSEPH I.

NOSSO SENHOR

MANOEL FERREIRA DA COSTA.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES

Impressor do Emin. Senhor Card. Patriarca.

M. DCC. LIII.

Com todas as licenças necessarias.

AO SUMPTUOSO
EDIFICIO
DA REAL OBRA DE MAFRA.

SONETO I.

SALVE, Pantheon sagrado, esclarecido,
Onde do Luso Nume a impulso ardente
Milagroso o cinzel, fino, e eloquente
Deo alma ao bronze, ao marmore sentido.

Salve outra vez, e mil, ó tu luzido
Do melhor Sol Palacio, que eminente
A essa esféra te elevas refulgente
Olimpo de alabastros construido.

O' nunca, Pantheon sempre famoso,
Te negue o tempo a impulsos de tyrano,
Cultos, que consagrar deve obsequioso.

Mas só cante, que o Numen Lusitano
Em teus jaspes lavrar quiz portentoso
Huma inveja immortal ao Vaticano.

SONETO II.

D Etem-te, ó peregrino, e reconhece
Os prodigios, que encerra este edificio,
Maravilhofo avulta o frontespicio,
Insigne o capitel mais resplandece.

Olha esse pinçel raro, que parece,
Apelles reviveo nelle sem vicio,
Observa deste cedro no artificio,
O que aprendêra Fidias se vivece.

Allude ao
Texto do
Apocal.
cap. 21. v.
2. Et ego
Joannes
vidi fan-
ctam ci-
vitatem
Jerusalem
novam
descendē-
tem de
Cælo à
Deo.

Que porticos, que estatuas, que luz pura,
Unirse vejo neste jaspe attento!
Illustre Nume inculca esta estructure.

Naõ pode humano ser tanto portento
Toda esta sacra, insigne architectura,
Obra foy, que desceo do firmamento.

*Nas letras iniciaes do II. e III. Soneto se lê o nome
do Augustissimo Fundador.*

SONETO III.

Divina architectura, que elevada
 Os rayos douras dessa quarta esféra,
 Mostrando no esplendor, que reverbéra,
 Incendios, que em ti bebe illuminada.

Os teus voos abate, que assustada
 A luzida regiaõ toda se altera,
 Ou movida do ardor, que em ti venêra
 Ou do excessõ, que alentas remontada.

Que pertendes? Que lá no ethereo lume;
 Venerado o Monarca applausos fome;
 Já que a terra por grande o não resume?

Novas terras, e Ceos teu impulso tome,
 Todo o Ceo verás breve a tanto Nume
 O mundo todo estreito a tanto Nome.

SONETO IV.

Sacro excelso edificio, empreza rara
Do Lusó quinto Joaõ Rey sempre Augusto,
Monarca, a quem do Tejo ao Indo adusto
Vota a fama attençoens, cultos prepara.

Construcção gloriosa a mais preclara,
De quantas conta a idade a immortal susto,
Ter na boca do tempo applauso justo,
Ser ás luzes do Sol inveja clara.

Em ti só reverente o meu respeito,
Affombrado de tanta immensidade,
Novos cultos consagra ao Augusto peito.

Oh vive pois, e canta á eternidade,
Que igual em ti se ostenta sem defeito
A grandeza do Templo á Magestade.

SONETO V.

Attende, ó Fabio, e vê que perfumido
 Este Templo ás esféras se remonta;
 Do Deos brilhante he já luzida afronta
 Quanto em golfos de luz furca applaudido.

Vê como infunde ao polo esclarecido
 Novas constellaçoens, que altivo conta,
 Olha o ar como á chamma viva, e pronta,
 Resplandece mais puro, e mais luzido.

Naõ bastára a copiar tantos primores
 Esse, que em sombras deo vida a Campaspe,
 Rayos sendo os pinceis, luzes as cores.

Viste portento igual do Tejo ao Idaspe?
 Naõ te parece em pompa, e resplandores
 Planeta de alabastro em Ceo de jaspe?

Ha muitas
 castas de jaspe. O dos
 montes Py-
 reneos tem
 muitas cores;
 mas o mais
 estimado de
 todos he o
 jaspe verde
 salpicado de
 vermelho.

SONETO VI.

E Ste Templo, que ao tempo affusta ufano,
 Da architectura empenho o mais perfeito,
 Raro foy, que votou á esféra aceito
 Sacrificio o Monarca Lusitano.

Ao humano Serafim, ao Anjo humano,
 Que a divinos rubins esmalta o peito,
 Com profunda attençaõ, mayor respeito
 Edificio erigir quiz soberano.

Neste piedoso obsequio o mais luzido
 Conseguiu o Monarca prodigioso
 Na fama eternizarse esclarecido.

Divino o impulso foy, foy portentoso,
 Pois se Casa a Francisco ha construido,
 A feu nome fez Templo o mais glorioso.

GLOSSA AO ULTIMO VERSO
de Camoens no canto primeiro
oitava terceira.

Que outro valor mais alto se levanta.

SONETO VII.

N ão cante Babylonia os fortes muros,
Dos Mausoleos ão conte a alta vaidade
Artemiza, nem leve aos Ceos a idade
Os Colossos de Rhodes mais seguros.

Já ão viva plausivel aos futuros,
Das torres, colliceos a immensidade,
Nem mereção respeito à eternidade
Da famosa Diana os templos puros.

Cessem dos obeliscos as memorias,
E acabem nessa Roma, que as decanta,
Das agulhas, e estatuas as vanglorias.

Cesse tudo o que a fama adora, e canta,
Pois do Templo, e Monarca vejo a glorias,
Que outro valor mais alto se levanta.

SONETO VIII.

Não applaudas, ó fama sonora,
 Desses sete portentos a grandeza,
 Que até agora a teus ecos clara empreza
 Foraõ sempre felice, e armoniosa.

Elevação mayor, se mais gloriosa,
 Accenda de teu peito a alta nobreza,
 Porque eternize em metrica belleza
 Nunca ouvida materia portentosa.

Se digna acção pertendes, que a teus cantos
 Immortal vida infunda, e novo affecto,
 Entra em Mafra, e venéra objectos tantos:

Alli verás, que a pasmo saõ discreto
 Cada acção do Monarca mil espantos,
 Imensas maravilhas cada objecto.

SONETO IX.

Gigante de alabastro ao Ceo subido,
 Promontorio de marmores lavrado,
 Se Libano de cedros fabricado,
 Claro Atlante de jaspes erigido.

Quantos objectos, Templo esclarecido,
 A suspensoens divizo arrebatado,
 Tantos em ti no immenso, e no elevado
 Raros conto portentos com sentido.

A discretos empenhos de aclamarte,
 A soberanas glorias de attenderte
 Tuas pompas levára a toda a parte;

Pois quizera ter só, por mais deverte,
 Se mais olhos do que Argos a admirarte,
 Mais bocas do que a fama a descreverte.

SONETO X.

Contarte agora, ó Fabio, as portentosas
Excellencias, que aníma essa estrutura,
Seria numerar da esféra pura
As estrellas, que a adornaõ luminosas.

Mas se a ouvir desse Templo as primorosas
Perfeiçãoens o delvello teu se apura,
Ouve da minha boca, inda que impura,
Verdades, que dirás saõ fabulosas.

Eu vi. Oh se o explicára em meus accentos!
Vi as taboas fallar, e repetidos
Vi no marmore frio haver alentos.

O' Fabio, aqui parece, que offendidos
Dos meus olhos lograrem taes portentos,
Vaõ morrendo de inveja os mais sentidos.

SONETO XI.

A Deos sagrados marmores, que á idade
 Claros portentos fois sendo adorados,
 Votos á esféra ardentes, que inspirados
 Confagrou reverente a Magestade.

A Deos, puras estatuas, que a piedade
 Augusta nesses porticos lavrados
 A alentos, que lhe inspira duplicados,
 Fez cantassem seu nome á eternidade.

Oh sempre em vós se attendaõ permanentes
 Do coroado Numen aos auspicios,
 Quantas aos olhos dais pompas florentes:

E do tempo, que prostra os edificios,
 Tantas canteis victorias, que excellentes
 Conteis mais, que alabastros, sacrificios.

SONETO XII.

E Vós, Monarca Augusto, que aclamado
 Esse folio exaltais, onde eminente,
 Do congelado Arcturo á Plaga ardente
 Sois á esféra, immortal fusto adorado.

Este meu permitti Delphico brado,
 Que sem divina inspiraçoẽ valente
 Cantei com rouca voz menos cadente,
 A assumpto tanto o plectro perturbado.

Se algum dia a meu peito, que o deseja,
 Banhar, Senhor, fagrada etherea chama,
 Espero o Orbe de vós cantar me veja:

Entaõ vereis no incendio, que me inflama,
 Se á minha lyra todo o Pindo inveja,
 Armonia o Ceo todo á vossa fama.